

SEXO SAGRADO: UMA DIVAGAÇÃO ORIENTALISTA DA OBRA *TEOREMA*, DE PASOLINI¹

Paulo César Giordano Nogueira
Mestrando em Ciências da Religião - PUC-SP
peregrino95@uol.com.br

Resumo: Este artigo é uma análise da obra *Teorema*, de Pier Paolo Pasolini, sob a ótica da espiritualidade e filosofia hindus; a idéia, longe de insinuar qualquer intenção do autor em realizar uma abordagem espiritual como a tratada no artigo (num universo em que nada se aproxima da temática pasoliniana), é de fazer com que possamos, de maneira bastante livre, aproximar idéias e contextos de culturas diferentes entre si e criar um diálogo que estimule a compreensão de um objeto a partir de outro. O ponto de ruptura dos personagens se dá através do sexo, e a divagação, como colocada no título desse artigo, ocorre no âmbito da espiritualidade.

Palavras-chave: Pasolini; *Teorema*; sexo; samadhi; espiritualidade.

Abstract: This article is an analysis of the work *Teorema* by Pier Paolo Pasolini from Hindu spiritual and philosophic point of view. The idea, far from suggesting any intention of achieving a spiritual approach as the one dealt with in the present article (in a universe where nothing seems to come close to the pasolinian thematic) is to freely approximate the ideas and the contexts of different cultures so as to create a dialogue that stimulates the comprehension of an object from the perspective of the other. The turning point of the characters occurs through sex, and the divagation, as put in the title of this article, happens within the scope of spirituality.

Key-words: Pasolini; *Teorema*; samadhi; sex; spirituality.

¹ O presente artigo baseia-se numa monografia desenvolvida na disciplina Literatura e Religião – Curso Temático do Núcleo Religião e Campo Simbólico: *A morte de Deus como problema teológico e literário*. Esse curso foi ministrado pelo Prof. Dr. Waldecy Tenório no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP durante o segundo semestre de 2005.

*So on and on I go, the seconds thick the time out
There's so much left to know, and I'm on the road to find out.*
Cat Stevens

Em uma viagem² à Índia, quando deambulava de um *ashram* a outro à procura de um guru, seduzido pela leitura de uma dezena de obras teosóficas e apaixonado pelos relatos de iogues que, como ninguém, souberam aliar a aventura das viagens com a intensidade da busca espiritual, acreditava que, tal qual havia lido nos relatos de nomes como Yogananda, Sivananda, Vivekananda e outros bem-aventurados iogues, fosse de fato passar pelas experiências místicas que sonhamos vivenciar numa viagem à Índia, algo como fazer aflorar nosso lado Shirley MacLaine e Paulo Coelho numa só tacada. Decidi apostar num encontro com Satya Sai Baba, famoso e polêmico guru contemporâneo, cujo eremitério situa-se no pequeno povoado de Puttaparthi, no sul da Índia.

Esclareço que, à parte alguns encontros interessantes, não cheguei a conhecer nenhum guru que me indicasse o caminho da libertação e o mais próximo que consegui chegar de Sai Baba foi a uma centena de cabeças à frente, durante o *darshan*, a contemplação sagrada, objetivo da maioria dos devotos que se encontravam naquele ambiente gigantesco e que em nada lembrava meus estereotipados sonhos de visitar um *ashram* à beira do Ganges, quem sabe vestido apenas com uma tanga, barbudo e entoando mantras, meio nauseado pelo uso ritual de um cigarro de haxixe após dias de severo jejum... Sonhar, como se pode perceber, dá um colorido especial aos preparativos de toda e qualquer jornada.

Naturalmente, sem querer transformar o texto num diário de viagem, fiz-me valer dessas lembranças para ilustrar o que me levou a ler a obra de Pasolini sob essa ótica, digamos, oriental e religiosa. *Teorema*, para quem leu ou assistiu ao filme, pode ser

² No ano de 1997, época em que trabalhava numa companhia aérea.

interpretado sobretudo de duas maneiras óbvias: sob o ponto de vista político/social, ao abordar a vida burguesa e o proletariado, e sob o ponto de vista religioso/espiritual, de maneira mais ou menos explícita, dependendo da personagem observada. O roteiro se resume numa trama simples: uma família milanesa de classe alta recebe um hóspede que, durante sua estadia, acaba se envolvendo emocional e sexualmente com os membros da família e com a empregada. Dessa relação surgirão os conflitos de cada um dos personagens: o pai, o casal de filhos, a mãe e Emília, a criada. A história possui dois momentos bem definidos, duas partes que se complementam: a chegada do hóspede e seu relacionamento com as personagens e a sua partida, quando então teremos a visão de cada um dos membros da casa transformada.

O anjo destruidor: Shiva Shankara

No hinduísmo, há a crença de que a presença de um santo pode transformar a vida de um devoto. O simples olhar de um guru é capaz de promover a cura, abençoar, transmutar aspectos negativos do discípulo em nobres virtudes; Sai Baba, por exemplo, teria essa capacidade, e o *darshan* teria a função de abençoar aqueles que se encontram em sua presença. É o que Rudolf Otto (1992) chamaria de uma presença numinosa, pois o olhar ou o contato com o guru desencadeia no indivíduo um “estado de alma”, uma reação emocional capaz de transformar uma pessoa. Numa passagem da obra *Autobiografia de um Iogue* (Yogananda, 1999), temos um episódio que ilustra bem as idéias de Otto, em particular o que ele chamou de *mysterium tremendum et fascinans*: Yogananda estava tendo dificuldades para se concentrar durante uma meditação, pois seus pensamentos “se dispersavam como pássaros diante do caçador” (ibid., p. 159). Chamado por seu mestre, Sri Yuktswar, estranhou quando este começou a expressar-se por enigmas, atitude rara do guru. Descreve o seguinte:

Estava confuso [...] foi quando ele [Yuktswar] golpeou meu peito levemente, acima do coração. Meu corpo mobilizou-se como se tivesse raízes; o ar saiu de meus pulmões como se um ímã enorme o extraísse. Instantaneamente, a alma e a mente romperam com sua escravidão física e jorraram de cada um de meus poros como luz perfurante e fluida. A carne parecia morta e, contudo, em minha intensa lucidez, percebi que nunca antes estivera tão plenamente vivo. Meu senso de identidade já não estava mais limitado a um corpo e, sim, englobando os átomos à minha volta [...]. Todos os objetos em minha vista panorâmica tremiam e vibravam como um filme acelerado. Meu corpo e o de meu Mestre, o pátio com colunas, a mobília, o chão, as árvores e a luz do sol, tornavam-se, de vez em quando, violentamente agitados até que tudo se fundia num mar luminescente [...]. Uma alegria oceânica rebentava nas praias serenamente intermináveis de minha alma. O Espírito de Deus, percebi, é Bem-aventurança inesgotável [...].

De súbito, o fôlego voltou aos pulmões. Com decepção quase insuportável, constatei que havia perdido minha infinita vastidão. Estava novamente limitado à jaula humilhante do corpo, tão desconfortável para o Espírito. Como filho pródigo, eu fugira do lar macrocômico e me aprisionara em estreito microcosmo. (Yogananda, 1999, p. 159)

A abordagem de Pasolini, evidentemente, é bem diferente. O hóspede é descrito como portador de uma beleza ímpar, daquela beleza que fascina e constrange ao mesmo tempo. Não se consegue ficar indiferente à sua presença e, a seu tempo, todos irão acabar sexualmente atraídos por ele, tanto as mulheres quanto os homens. Entretanto, o sexo em *Teorema* não é de maneira alguma tratado de maneira vulgar ou erotizada. É um sexo insinuado, mostrado mais como instrumento de libertação do que de prazer, ainda que o prazer que o hóspede proporcione acabe culminando na (aparente) destruição de cada um. É aqui que entra a visão hindu sobre a destruição e a transformação, personificadas na divindade de Shiva. O epíteto de Shiva, Shankara, traz a noção da felicidade, aquilo que causa bem-estar (bem-estar que mais tarde será a causa do tormento). A des-

truição, que para nós ocidentais pode remeter à idéia da tragédia, na verdade significa a mudança de um estado a outro; o velho deve morrer para que o novo possa renascer. Na trimúrti (trindade) hindu, Brahmâ cria o Universo, Vishnu (que em outras encarnações aparece como Krishna e Buda) é o conservador e Shiva, já mencionado, o destruidor. O anjo destruidor de Pasolini, assim como Shiva, tem um impacto fulminante na vida daqueles com quem se relaciona; é uma força destruidora sim, mas inegavelmente transformadora.

Podemos notar que, num primeiro momento, o hóspede desperta nos outros uma paixão e um desejo de luxúria que, acredito, serve mais para atrair o sujeito para uma causa muito mais profunda do que o sexo *per se*; em sânscrito, *kâma* significa luxúria, desejo, apego à existência, o objeto amado; o hóspede seria um *Kâma-deva*, ou seja, um deus do amor e, na descrição de Helena Petrovna Blavatsky (HPB), fundadora da Sociedade Teosófica, “o primeiro desejo universal consciente de bem e amor, em geral” (1995, p. 277), o que condiz com a imagem que Pasolini deu ao seu anjo. Acima de tudo, o hóspede é mostrado com um ser benevolente, quase imaculado, e sua beleza exterior é um reflexo de sua alma. O *lingam*, associado a Shiva, em sua definição eidética não representa o falo, como comumente se vê; sua representação na Índia é a da criação ou procriação como algo divino. Daí o fundamento dessa atração de todos pelo hóspede; não é o seu sexo o que importa, mas o que se cria do contato com ele. Para Otto, existe uma energia que se manifesta no misticismo e no amor, chamada de *orgê*; essa energia provoca na alma um estado de excitação, “do ardor devorador e na impetuosidade do amor cuja aproximação o místico mal pode suportar [...]” (1992, p. 34). O que de fato chama a atenção não é tanto a experiência do sujeito com o objeto, mas aquilo que ocorre depois desse contato (mais propriamente do contato com essa energia). Yogananda exprime, em suas palavras, “uma decepção quase insuportável” (1999, p. 160), quando percebe que sua experiência mística havia terminado. É também esse o sentimento

dos personagens de *Teorema* e o resultado dessa separação é do que trata a segunda parte da obra, quando da partida do “anjo exterminador”.

O *samâdhi* pasoliniano

Em *O Sagrado*, Rudolf Otto explica que a presença do *numen*, do divino, provoca uma reação emocional denominada *estado de criatura*. Diz: “o sentimento da criatura que se abisma no seu próprio nada e desaparece perante o que está acima de toda a criatura” (1992, p. 19). Esse sentimento pode ser facilmente observado nos relatos espirituais ou místicos de todas as religiões, seja na descrição de um guru indiano sobre o *samâdhi* ou nas experiências místicas – os êxtases místicos que lemos nas hagiografias de santos católicos. Annie Besant, renomada teósofa, afirma – tomando como fonte os Ioga Sutras – que “O Ioga é o Samâdhi”.³ Podemos entender, então, que o *samâdhi* (ou mesmo os termos *satori* e *nirvana*) é um estado de transe, de absorção, no qual a consciência se encontra tão dissociada do corpo ao ponto de este tornar-se insensível. Ainda que pareça simples, essa noção de *samâdhi*, quando estudada mais profundamente, pede o que Aldo Natale Terrin em sua *Introdução ao Estudo Comparado das Religiões* (2004) chama de *sacrificium intellectus*. Quando o estudioso, longe de deixar-se levar cegamente por aquilo que não conhece, permite entregar-se ao mistério, obviamente com discernimento suficiente para que não caia no fanatismo ou no misticismo sem fundamento. Para Heinrich Zimmer, “a única gramática capaz de traduzir a experiência e a beatitude do *samâdhi* é o silêncio” (1986, p. 297).

³ *Samâdhi*, do sânscrito *sam-âdha* significa “posse de si mesmo”; no *samâdhi* a concentração mental é tão grande que a mente se torna una com o objeto com que se encontra relacionada. É essa união, literalmente, o significado da palavra *yoga* que, numa definição suscinta, poderíamos chamar de união do Eu inferior/humano, com o Eu superior/divino (Besant, 1993).

Voltemos aos personagens de Pasolini. Notar-se-á que, após a partida do hóspede, cada um dos habitantes da casa passará por uma verdadeira retomada de consciência. Entretanto, analisaremos uma personagem em particular: Emília, a criada. Veremos como *Teorema*, certamente sem nenhuma intenção de aproximar a visão poética de Pasolini com a temática religiosa oriental, funciona de maneira excepcional para ilustrar uma idéia tão abstrata como o *samâdhi*. Um exercício de desapego, sem dúvida, como veremos nas atitudes de nossa personagem, Emília.

Os *siddhis* de Emília

No apêndice à primeira parte do livro, vamos ler cinco curtos relatos, como se fossem cartas confessionais, que indicam o modo como cada membro da família expressou sua dor com a partida do hóspede: o filho, Pietro, que vai canalizar sua sexualidade na arte; Odetta, a garota que, talvez por não suportar a realidade do pensamento incestuoso, acaba louca. Lucia, a mãe, que parte em busca de sexo com rapazes jovens na vã tentativa de substituir a ausência do corpo do hóspede, acaba entrando numa capela e seu olhar perdido busca, possivelmente, uma salvação através da religião. Paolo, o pai, alega que a desordem que o hóspede causara em sua vida acabou se tornando a única normalidade real e sua ida para o deserto, seu poema introspectivo é de um lirismo que chega a doer. Emília é a única que não deixa relato, provavelmente porque já não necessitasse entender mais nada, de modo que suas ações por si só explicariam o que levava dentro. E o Deus, o anjo destruidor de Pasolini, que em suas palavras de cumplicidade em relação a Emília dá o tom daquilo que ela já havia interiorizado: “Serás a única a saber, quando eu tiver partido, que nunca mais voltarei, e me buscarás onde deverás me buscar [...]” (Pasolini, 1991, p. 92).

Emília faz as malas e parte rumo à velha casa onde nasceu. Há um simbolismo grande nessa viagem de volta, como costuma

haver sempre que voltamos a encarar nossas ruínas de um passado há muito esquecido, como se a infância se localizasse num período liminar sagrado e intocado. Em frente à casa, o velho banco de madeira dos tempos de criança. Emília senta-se ali e, tal qual um asceta, permanecerá assim por tempo indeterminado. Pasolini a descreve “cheia, até os olhos, até a raiz dos cabelos, da sua loucura [...] muda, absorta e como que devorada pela febre” (Pasolini, 1991, p. 111).

O estado em que Emília se encontra na narrativa de Pasolini é semelhante aos estados de êxtase místico de santos, monges, freiras, tão abundantes em relatos da Igreja medieval. Alguns nomes famosos, como São Francisco de Assis, Tereza d’Ávila, San Juan de la Cruz, Hildegard von Bingen, entre tantos outros, estão relacionados a esse tipo de loucura divina, porque tomados de um amor tão profundo por Deus que aos olhos dos outros pareciam verdadeiros loucos. São Francisco, em muitos textos é chamado de “louco de Deus”. Na Índia do século XIX, temos a figura de Paramahansa Ramakrishna, um sábio guru indiano que é carinhosamente chamado por seus discípulos de “o Louco de Deus”. Desde a infância, Sri Ramakrishna (nascido Gadadhar Chatterji) havia optado por dedicar sua vida à busca espiritual. Sobre a passagem de sua busca, lemos o seguinte:

Foi à deusa Kali a quem Ramakrishna se entregou na sua busca apaixonada do divino. Ele fazia seu serviço de oficiante com fervor, suplicando apaixonadamente à Mãe para se manifestar, para se revelar. Não dormia nem comia, vivendo numa espécie de transe desesperado, fascinado pela visão do divino; rezava, chorava, gritava, cantava, abandonando-se de corpo e alma à deusa. Durante seus êxtases espirituais, havia quem cuidasse de suas necessidades físicas, uma vez que Ramakrishna perdia a consciência da realidade e seu corpo parecia uma bola de fogo [...]. (Leal, 199?)

Certa feita, Ramakrishna encontrou dois mestres, que lhe ensinaram a concentrar suas aspirações e suas visões. Primeiro

foi uma mulher, Bhairavi Brahmani, a quem ele indagou se suas experiências eram sintomas de loucura. A mulher tranqüilizou-o, afirmando-lhe que havia transposto as etapas mais difíceis e mais altas do *Sadhana* (busca espiritual), e lhe disse:

Meu filho, bem-aventurado é o homem que conhece essa loucura. O universo inteiro é louco; alguns são loucos de riquezas, outros de prazeres, outros de glória, outros de cem outras coisas. São loucos de coisas insignificantes, mas nunca loucos de Deus [...]. (Leal, 199?)

O primeiro sinal de que Emília havia se transformado em uma pessoa completamente diferente daquela que existia antes da chegada do hóspede foi a cura das chagas de um garoto levado por sua mãe até ela. Quando isso acontece, já se passaram muitos dias de contemplação, o que nos leva a acreditar que uma transformação interior muito profunda poderia estar acontecendo com a criada. Que tipo de poderes (*siddhis*, em sânscrito, “atributos de perfeição”; faculdades psíquicas, poderes anormais ou extraordinários do homem) Emília pode ter herdado ao haver dormido com o anjo? Pois, retomando o conceito do próprio autor de que seu hóspede poderia ser (e isso jamais fica explícito) um anjo destruidor (Shiva), podemos associar Emília a *Shakti*, a energia feminina ativa dos deuses e intimamente relacionada a Shiva.⁴

O coito com o anjo, voltando ao início do texto, pode ter despertado o *estado de criatura* em Emília. Lemos em *Filosofias da Índia* (Zimmer, 1986) que o sexo, no tantrismo, tem um papel altamente simbólico e que um de seus princípios é que o homem, em geral, tem de ascender através e por meio da natureza e não rejeitando-a.

⁴ Shiva e Shakti são um só no absoluto, os dois aspectos (masculino e feminino), a unidade; Shiva experiente se transforma em Shakti, mas ela deve fundir-se a ele novamente para reencontrar a unidade original. Shiva é o pai, o não-manifesto, enquanto ela é a manifestação, a Mãe divina (Cf. Chevalier e Gheerbrant, 1991).

A criatura passional deve dissipar seu senso de ego; então, o mesmo ato que antes era uma obstrução, torna-se agora a maré que o leva à realização da beatitude absoluta (*ananda*) [...]. Daí que a grande fórmula tântrica, o *yoga* (a união da consciência empírica com a consciência transcendental) e o *bhoga* (o “gozo”, a experiência do prazer e do sofrimento da vida) são o mesmo. O próprio *bhoga* pode tornar-se um caminho do *yoga*. (Zimmer, 1986, p. 399)

O *sâdhana* (obra piedosa) de Emília vai além do desconforto dos dias passados do lado de fora de casa. A essa altura já é vista pelos vizinhos com compaixão, como se se tratasse de verdadeira santa. Nega as saborosas comidas que lhe oferecem as mulheres do povoado e, depois de muito insistirem, Emília, “com os olhos maus, cheios de uma prepotência nascida da dor” (Pasolini, 1991, p. 117), aponta para uma moita de urtigas e é delas que vai se alimentar até o final de seus dias. Nota-se que, desde então, Emília já entrara no processo de renúncia às coisas do mundo. Diz Ramakrishna a um discípulo: “Estes estados (a loucura do Amor Divino) não são para aqueles que estão vivendo no mundo e executando os deveres dele, mas para os que renunciaram totalmente ao mundo, tanto interna quanto externamente” (Abhedânanda, 1976, p. 126).

A jornada de milagres continua. O autor pede, nas palavras e na filmagem, que olhemos para o já conhecido banco onde Emília sempre esteve sentada. Todavia, ali já não mais se encontra. Vamos vê-la muito mais acima, pairando no ar, braços abertos. Uma verdadeira santa ascensionada. E, somente a título de curiosidade, Chevalier e Gheerbrant (1991) assinalam que, na moderna psicanálise, os sonhos ascensionais são vistos como um símbolo orgásmico e se unem ao aspecto da tradição cristã medieval que associava ao diabo, e portanto aos cultos orgiásticos, a ascensão dos feiticeiros, feiticeiras e possessos. Pólo tenebroso do símbolo, mas que em *Teorema* ganha outra dimensão.

O ato final: a entrega absoluta

Passaram-se meses até que Emília abandonasse o velho banco do pátio onde se alojara desde sua chegada. Dirige-se, acompanhada por uma velha senhora vestida de negro, ao campo. Lágrimas escorrem pelo seu rosto silenciosa e desesperadamente; a passo rápido, as mulheres se dirigem rumo a uma estrada que leva a Milão. Lágrimas. Um rio incontido de lágrimas. Chegam a uma ampla extensão de terra aplainada, onde futuramente será construído um grande conjunto de edifícios. Páram em frente a uma escavadeira, próxima a um gigantesco buraco prestes a ser aplainado. Emília desce da maneira que pode pelo buraco profundo, seguida da velha que parecia saber exatamente sua função naquele pacto silencioso. Emília deita-se no fundo do buraco, suas lágrimas se juntam à lama já existente e começam a formar uma pequena poça. Sua companheira a ajuda a cobrir-se de terra e, quando já se encontra totalmente coberta de lama, a ponto de confundir-se com o fundo do buraco, a velha se vai.

A cena toda remete a um realismo fantástico que faz lembrar os contos de García Márquez. As lágrimas de Emília continuam a escorrer e do monte de lama onde se encontra já completamente enterrada nasce um regato. O buraco, sabemos, será todo encoberto pela escavadeira. No lugar onde Emília está enterrada começa a brotar um fio de água, a mesma água que um dia vai curar doentes. E, afinal, qual o sentido dos milagres que não o de promover a cura?

Na literatura espiritualista hindu, é muito comum o relato de santos que deliberadamente abandonam o corpo físico, muitas vezes anunciando sua passagem para o mundo espiritual. A esse fato se dá o nome de *mahasamadhi*, o grande (*maha*) *samâdhi*, a união final do homem com o divino. Entre os *mahasamadhis* mais conhecidos, temos o de Paramahansa Yogananda, descrito na *Autobiografia de um Iogue* (1999), onde lemos o poema intitulado "Samadhi". Eis um trecho do poema que nos permite fazer uma associação com a história de Emília:

[...] Toda folhinha de grama, eu mesmo, a humanidade,
 Cada partícula da poeira universal,
 Raiva, ambição, bem, mal, salvação, luxúria,
 Tudo assimilei, tudo transmutei
 No vasto oceano de sangue de meu próprio Ser indiviso.
 Júbilo em brasa, freqüentemente abanado pela meditação,
 Cegando meus olhos marejados,
 Explodiu em labaredas imortais de bem-aventurança,
 Consumiu minhas lágrimas, meus limites, meu todo.
 Tu é Eu, Eu sou Tu,
 O Conhecer, o Conhecedor, o Conhecido, unificados!...
 (Yogananda, 1999, p. 163).

Teorema, como afirmou Pasolini em *As últimas palavras do Herege* (1983) não propõe saída nem solução e, talvez por isso mesmo, tenha sobrevivido ao tempo, à espera de uma compreensão racional que talvez nunca aconteça. Assim como os santos, como os mestres, mahatmas, avatares de todos os tempos, de todas as seitas e religiões. Assim como Emília, como os loucos de Deus, como todos aqueles que foram marginalizados por serem diferentes dos outros. Quem sabe seja esse o teorema de Pasolini, descobrir-se diferente perante os outros ou, mais intensamente, perante si próprio.

Quantas Emílias terão de chorar para que tudo um dia tenha sentido? Quantos anjos terão de vir? Aresposta, como dizia o bardo Dylan naquela velha canção *is blowing in the wind...*

Referências

- ABHEDÂNANDA, S. (1976). *O Evangelho de Ramakrishna*. São Paulo, Pensamento.
- BESANT, A. (1993). *Introdução ao Ioga*. São Paulo, Círculo do Livro.
- BLAVATSKY, H. P. (1995). *Glossário teosófico*. São Paulo, Ground.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. (1991). *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio.

LEAL, L. M. B. (199?) (trad.). O Evangelho de Sri Ramakrishna por M. Disponível em: <<http://www.ramacrisna.org.br>>. Acesso em: 19 dez. 2005.

OTTO, R. (1992). *O sagrado*. Lisboa, Edições 70.

PASOLINI, P. P. (1983). *As últimas palavras do herege*. São Paulo, Brasiliense.

_____(1991). *Teorema*. São Paulo, Brasiliense.

TERRIN, A. N. (2004). *Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões*. São Paulo, Paulus.

YOGANANDA, P. (1999). *Autobiografia de um Iogue*. Petrópolis, Self Realization Fellowship.

ZIMMER, H. (1986). *Filosofias da Índia*. São Paulo, Palas Athena.

Recebido em março de 2006.

Aprovado em junho de 2006.